

5 TRABALHANDO O GÊNERO NA SALA DE AULA

Ler, ler, ler. Escrever, escrever, escrever e rasgar muito.
Eu rasguei muito.

Lygia Fagundes Telles

O trabalho de leitura e produção de textos na escola deve possibilitar ao aluno a identificação e incorporação de estratégias de organização do discurso que garantam sua unidade e eficiência, já que um enunciado oral ou escrito é considerado um texto quando forma um todo coeso e coerente, constituindo um espaço de produção e circulação de significados, resultado da interação que se estabelece entre os interlocutores.

Cada texto apresenta mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos destinados a assegurar a ele coerência interna. Diferentes atividades devem ser propostas, para evidenciar, nesses textos, os processos de construção linguística, característicos dos diferentes modos de organização do discurso. Assim, o aluno poderá aperfeiçoar-se no uso dos mecanismos linguísticos que já domina na sua linguagem cotidiana, bem como adquirir outros, próprios da língua padrão.

A partir do que foi exposto ao longo desta pesquisa, é possível estabelecer o trabalho com os gêneros textuais como o melhor caminho para o desenvolvimento da leitura e da escrita na escola. Ao longo da vida escolar, o estudante deve ter acesso a diversos gêneros textuais, pertencentes a diferentes esferas discursivas.

Neste capítulo, serão apresentadas algumas atividades realizadas em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, a partir de contos de dois autores clássicos da literatura brasileira: Machado de Assis e Lima Barreto. A escolha desses autores não foi aleatória; ao contrário, foi motivada pelo desejo de poder proporcionar aos alunos dessa turma o contato com narrativas de alto valor literário, visando, em primeiro lugar, a despertar nesses estudantes o prazer que o texto literário pode provocar.

Nesse sentido, defende-se a ideia de que a escola não pode ficar presa apenas ao mundo dos jovens. Ao contrário, seu objetivo deve ser o de lhes oferecer a alternativa de conhecer outros mundos:

Quer dizer, não se trata de adequar uma produção literária à escola pelo reflexo – sem reflexão – do que já é do mundo do jovem em sua relação com os meios de massa. Trata-se, sim, de introduzir, no ambiente escolar, obras variadas, com alto potencial simbólico, de modo a corresponder ao anseio por outras respostas possí-

veis, ainda que efêmeras, a questões diversas sobre si e sobre o mundo, que convocam o entendimento e o sentimento de um sujeito em formação (CADERMATORI, 2012, p.65).

As narrativas curtas, como o conto, mostram-se um bom começo para o primeiro contato dos jovens estudantes com autores como Machado de Assis e Lima Barreto. O importante nessa etapa é o primeiro contato, é a “desmitificação” dos clássicos, é construção da “ponte” para despertar o gosto pelo texto literário. Nessa perspectiva, Cadermatori (2012, p.89-90) observa que

Os contos – assim como as crônicas – ainda são pouco valorizados como experiência de leitura juvenil e, no entanto, oferecem oportunidade rica de apresentação de autores, sejam eles criadores de obra já clássica, sejam de expressão moderna ou contemporânea, contanto que autores de páginas que garantem leitura atraente e provocante. Por via do conto, um jovem pode conhecer Machado de Assis e também Lima Barreto, Aníbal Machado, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Teles, Autran Dourado, Antonio Carlos Viana, Ronaldo Costa Fernandes, o próprio Milton Hatoum e tantos outros.

É válido lembrar que esse contato com o texto literário, para a maioria dos jovens brasileiros, só ocorre pela intermediação da escola, mais especificamente do professor. Dessa forma, o trabalho com o texto literário na escola se faz ainda mais necessário.

Convém esclarecer, contudo, que, conforme ressalta Cadermatori (2012, p.90-1), nem todo jovem pode ser transformado em leitor apenas pelo trabalho de um professor:

Não somos tão poderosos assim. Capacitar os estudantes à leitura, desenvolvendo suas competências linguística e textual é uma coisa. Transformar alunos em leitores de literatura é outra. A capacitação dos alunos à leitura é um dos objetivos principais do ensino fundamental, habilidade que deve ser aprimorada no ensino médio. Iniciativas, incentivos e programas de leitura que propiciam tal capacitação são de importância vital na educação. Esforços nesse sentido são crescentes no país, impulsionados por razões culturais, sociais e políticas. Mas a formação de leitores literários extravasa o âmbito do trabalho de massa. Envolve particularidades de uma sintonia mais fina, além da disposição para aventuras subjetivas, que não existe em qualquer professor nem em qualquer aluno.

Essa constatação, por sua vez, não nega o valor do texto literário para o ensino, já que “boas narrativas e bons poemas são matrizes de reflexões sobre a vida. Podem nos levar a reconhecer, apreciar e até reformular as experiências que temos” (CADERMATORI, 2012, p.63).

A importância da literatura está relacionada à nossa memória social, à nossa história: “viver a aventura da palavra é viajar pelo tempo/espço da humana condição. O relato oral e as narrativas antigas sustentaram a história do mundo e das civilizações até que a escrita, prometida como cura para o esquecimento, quis nos garantir memória fixa” (YUNES, 2009, p.58-9).

A partir das concepções expostas acima, foram elaboradas atividades que têm como ponto de partida, como já foi afirmado, o gênero conto. Nelas, a leitura e a escrita não estão separadas; ao contrário, todos os momentos de produção escrita estão relacionados à leitura, ponto de partida e principal objetivo do projeto.

Todo o trabalho foi conduzido a partir da ideia dos círculos literários (que também podem ser chamados de rodas de leitura), nos quais a leitura em voz alta pelo professor (leitor-guia) era o ponto de partida para a realização das atividades. A ideia dos círculos vincula-se às propostas de leitura defendidas por Pennac (1993), em *Como um romance*, e Yunes (2009), em *Tecendo um leitor, uma rede de fios cruzados*.

Yunes (2009) lembra que o ato de contar histórias em rodas está marcado na história da humanidade. Os homens tinham o costume de se reunir para cantar, dançar, ouvir casos e notícias trazidas pelos viajantes. Nesse contexto, de acordo com a autora (2009, p.73-4), “os círculos de leitura revelaram-se eficazes para estimular de novo o gosto de ler...”, uma vez que

O círculo, forma geométrica tão perfeita quanto o retângulo áureo e mais mágico – imagem da cabala, presente nas rosáceas – aspira à unidade que toda diferença aspira, sem, para isso, abdicar de cada ponto que o forma. O círculo não existe para si, mas em função de um todo, que o remete ao sagrado. Desde a Bíblia judaica às cosmogonias de outras religiões primitivas, o círculo aparece como demarcação de espaço para celebrar a palavra, centralizar o ritual. Nossas sociedades modernas guardaram dos teatros de arena a forma que se repete nos estádios, nos circos, nas igrejas, como se aí as alianças e as confrontações pudessem estar dispostas adequadamente (YUNES, 2009, p.78-9).

As rodas de leitura podem ser uma experiência de partilha, troca de ideias, oportunidades de aproximação e debate entre professor e aluno. O professor é o leitor-guia e conduz a leitura de forma paciente, generosa e mais encantadora possível (quem resiste a uma boa história?), para estabelecer maior aproximação entre os jovens e o texto literário selecionado.

O exercício de ouvir histórias por intermédio de contadores funciona como forma de seduzir e predispor para o interesse de (aprender a) ler tanto uns, quanto outros. Todos nós conhecemos como é fascinante ouvir boas histórias, bem contadas: aí para buscar a autonomia de leitura não é muito longe (YUNES, 2009, p.76).

A autora ressalta ainda que, nos círculos de leitura, todos estão em igual distância de um centro, que não será o professor, mas o texto, o filme, o quadro, a crônica, a reportagem, o documentário que se lê. O papel do docente (leitor-guia) é mobilizar, provocar, costurar as demais falas, sem prevalecer a sua própria.

Yunes (2009, p.82) salienta ainda que

O trabalho de um leitor-guia é fazer luz sobre as cenas de leitura, os atos de construção de sentidos na leitura, sem impor sua condição ou a do autor. O que se quer alcançar com o círculo de leitura é a descoberta da condição de leitor e uma qualifi-

cação maior para a leitura, por conta mesmo da troca, do intercâmbio, da interação de de vivências e histórias de leitura – segundo o repertório de cada um.

A autora acredita que o gosto pela leitura compartilhada fortalece o aprendizado do potencial leitor. Segundo ela, “lendo sozinhos parecemos mais bloqueados do que lendo em grupo, quando uma ideia puxa a outra e estas vão criando uma teia de trocas muito original” (2009, p.84).

Nessa perspectiva, Cosson (2009, p.28) destaca que

De novo estamos diante do equívoco de tratar a leitura literária como uma atividade tão individual que não poderia ser compartilhada, mas já sabemos que é justamente o contrário. O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. É por essa razão que lemos o mesmo livro de maneira diferente em diferentes etapas de nossas vidas. Tudo isso fica ainda mais evidente quando percebemos que o que expressamos ao final da leitura de um livro não são sentimentos, mas sim os sentidos do texto. E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores.

Por meio do compartilhamento de suas interpretações, “os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura” (COSSON, 2009, p.66).

O autor citado afirma ainda que é dever do professor explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades do texto literário. Cabe ao docente, portanto, criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja “uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2009, p.29), defendendo, pois, o letramento literário, ou seja, a prática da leitura de textos literários na escola. Para o autor, contudo, não basta apenas mandar o aluno ler, é preciso ensiná-lo a ler:

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. A leitura simples é apenas a forma mais determinada da leitura e porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2009, p.29-30).

Os círculos literários, guiados pelo professor, podem, pois, constituir um caminho bastante produtivo no trabalho com a leitura, e consequentemente com a escrita, na sala de aula, uma vez que, segundo Yunes (2009, p.85),

O esforço para organizar suas ideias, torná-las lógicas, vencer a timidez, buscar a expressão e lograr comunicar-se resulta, pouco a pouco, na descoberta da própria voz, da própria vez e do “eu” que se vai construindo dia a dia nessas reflexões e intervenções. Educa-se o ouvido, a sensibilidade, a inteligência, a língua: o respeito pelos outros, autor, coautores e leitores do texto. A coerência das próprias ideias deve (in)formar o brincante (não é esse o nome dos que pulam para dentro do círculo e entram na roda?), leitor que, lendo, alcança prazer.

A partir das concepções apresentadas, foram desenvolvidas as atividades descritas abaixo, realizadas ao longo do ano letivo de 2013.

A primeira delas foi um trabalho de pesquisa. Antes da leitura dos contos selecionados, os alunos buscaram informações sobre a obra e a biografia de Machado de Assis e Lima Barreto. A turma foi separada em dois grupos (é válido lembrar que estamos falando de uma classe composta por nove alunos, por isso dois grupos foram suficientes para a pesquisa). Cada grupo ficou responsável por um autor. No dia previamente marcado, os grupos fizeram a exposição para a turma, e coube a mim, professora da classe, trazer mais informações. Imagens das capas de alguns livros e fotos também foram utilizadas.

Após essa etapa, iniciou-se a leitura dos contos. O primeiro foi “A cartomante”. Para realizar a atividade proposta, o conto foi dividido em quatro partes. As duas primeiras foram lidas em uma aula, e as outras, em duas aulas diferentes.

Na primeira parte da história, as personagens Rita e Camilo conversavam sobre a cartomante que Rita havia procurado. As personagens foram apresentadas indiretamente e o tipo de relação existente entre Rita, Camilo e Vilela não estava claro. Dessa forma, após a leitura, os alunos foram solicitados a elaborar (oralmente) hipóteses sobre a relação existente entre as personagens, baseando-se apenas nas ações e falas apresentadas no excerto lido. No 2º parágrafo desse fragmento, a personagem Rita apresenta uma prova de que a cartomante podia prever o futuro. A partir dessa passagem, a turma debateu sobre a validade de tal prova - questão importante para o desenvolvimento do enredo e, principalmente, para o desfecho.

A segunda parte do conto revelava a verdadeira ligação entre Camilo, Rita e Vilela. O trecho encerrou-se com o bilhete de Vilela para Camilo. Após a leitura desse fragmento, a conversa com a turma girou em torno das características psicológicas das personagens. Os alunos foram solicitados a descrever (oralmente) as três personagens principais: Camilo, Rita e Vilela. Hipóteses sobre o verdadeiro intuito do bilhete foram levantadas pelos alunos.

A terceira parte descrevia o trajeto de Camilo para a casa de Vilela, durante o qual o primeiro acaba consultando a cartomante de Rita. Após a leitura dessa parte, foram destacados os pormenores das descrições, as minúcias e os detalhes com que o narrador acompanhava o trajeto de Camilo. Os alunos foram questionados sobre os efeitos de sentido dessas descrições. Houve uma discussão sobre os sentimentos que dominavam Camilo após a leitura do tal bilhete. O clímax do conto ocorreu exatamente nesse fragmento. Esse elemento da narrativa foi identificado e trabalhado com a turma.

Após a leitura dessas três partes, uma produção escrita foi proposta: antes de conhecerem o desfecho original do conto, os alunos escreveram um desfecho para história. Essa atividade foi realizada individualmente na sala de aula. O desfecho deveria ser coerente com a história lida até aquele momento. Antes de escrever, os alunos refletiram sobre os seguintes aspectos: Camilo estava confiante; a cartomante o havia tranquilizado; ele, então, seguiu para casa de Vilela. O que aconteceu? A cartomante realmente acertou? O resultado dessa produção encontra-se na seção **Anexos**, indicado pelo número 1.

Depois da produção do desfecho, a quarta parte, o desenlace da história, foi lida, e os estudantes conheceram o final original do conto. Houve, então, uma discussão sobre ele, na qual os alunos estabeleceram comparações entre os finais produzidos por eles e o final do autor. Por fim, houve um debate a partir da seguinte pergunta: o desfecho confirma ou desmente a frase de Hamlet citada no início do conto?

Depois da leitura do conto em questão, das discussões e das atividades realizadas, os alunos escreveram um comentário pessoal sobre essa leitura, enfatizando as impressões sobre esse primeiro contato com a obra machadiana. Essas produções também estão na seção **Anexos**, indicadas pelo número 2.

O segundo conto machadiano escolhido foi “A causa secreta”. A atividade envolvia a leitura em sala e a discussão sobre a história. As características psicológicas das personagens, em especial as do protagonista, e a relação delas com a construção da conto constituíram o foco do debate. Os alunos foram convidados a relatar suas impressões sobre o enredo, sobre as personagens e suas ações. Após os relatos, o foco do debate passou a ser o título do conto e sua relação com a narrativa lida.

“O enfermeiro” foi o último conto de Machado de Assis lido com a turma. Após a leitura em sala, organizou-se um júri simulado. Para a realização dessa atividade, a turma foi dividida em dois grupos: um grupo defendeu o enfermeiro, Procópio, sustentando a hipótese de luta entre ele e a vítima; o outro, o acusou, defendendo a hipótese de crime.

Após tempo estabelecido para a definição dos argumentos, que deveriam ser criados a partir dos acontecimentos narrados no texto, o julgamento foi iniciado. A apresentação dos argumentos foi realizada, nesse momento, oralmente. Após o debate entre os grupos, estes produziram um texto escrito, de caráter argumentativo, a partir da hipótese defendida: luta ou crime?. Essas produções constam na seção **Anexos**, indicadas pelo número 3.

Os contos de Lima Barreto selecionados - *Clara dos Anjos*, *Um especialista* e *O caçador doméstico* – são alguns dos que compõem a obra “Clara dos Anjos e outros contos”, adotada como leitura extraclasse. Os textos selecionados foram lidos em sala com a turma, sempre acompanhados de discussão sobre o texto, na qual os alunos deveriam se posicionar oralmente sobre as questões levantadas. A questão racial e a luta contra o preconceito – temas frequentes da obra de Lima Barreto – fomentaram quase todas as discussões. Estabeleceu-se uma ponte entre a obra e a vida do autor, a partir, principalmente, do material pesquisado pelos alunos na primeira atividade. Houve espaço também para reflexões acerca da linguagem do autor, bem como das questões estruturais relativas ao gênero textual estudado.

A discussão após a leitura do conto *Um especialista* iniciou-se a partir da apresentação das personagens no início da história. Os alunos foram levados a expor oralmente traços da personalidade do Comendador Mota e do Coronel Carvalho e relacioná-los aos acontecimentos narrados. Após essa atividade, o debate girou em torno do papel da mulher negra no conto em questão, relacionando esse papel à época em que foi escrito o conto e à própria biografia do autor. Os alunos utilizaram trechos para discutir a questão do preconceito racial. Em seguida, a discussão voltou-se para o final irônico do texto, bem como a relacionar o título do conto com os fatos narrados.

No que diz respeito ao estudo do conto *O caçador doméstico*, na condição de mediadora, propus que fosse iniciado a partir do emprego da expressão “teimosia escravagista”, logo no início do texto, relacionando-a ao enredo. Após esse momento, os alunos descreveram a personagem principal da história – Simões –, discutiram o hábito estranho deste e relacionaram-no ao título. Por fim, a discussão girou em torno do desfecho de Simão. Os estudantes se posicionaram em relação aos acontecimentos relatados e comentaram a ironia, mais uma vez presente, no final da leitura em questão.

O conto *Clara dos Anjos*, que além de figurar no título, é o primeiro apresentado na obra, motivou a produção de um texto escrito. Como o desfecho dessa narrativa não relata o que acontecera com a personagem Clara, após a revelação da gravidez para sua mãe, os alunos foram levados a imaginar o que haveria ocorrido, criando um final diferente para o texto.

As perguntas que nortearam a produção foram as seguintes: Como o pai de Clara reagiu ao descobrir a gravidez? e O que aconteceu com Clara?

Após o estudo dos três contos de Lima Barreto, foi realizado um debate sobre a questão do racismo no Brasil atual. Os alunos refletiram sobre o lugar social do negro na época de Lima Barreto e nos nossos dias. A pergunta norteadora desse debate foi a seguinte: ainda há racismo no Brasil?

As atividades desenvolvidas se encerraram com duas produções escritas: uma narrativa completa e uma avaliação pessoal sobre a relação dos alunos com a leitura. Essas produções foram escritas a partir de roteiro pré-estabelecido e constam da seção **Anexos** desta pesquisa, com o número 5 para a narrativa e 6 para a reflexão sobre a leitura do aluno.

Para a produção da narrativa, envolvendo os contos de ambos os autores, os estudantes guiaram-se pelo seguinte roteiro:

Narrador: observador

Personagens: Rita (*A cartomante*) e Clara dos Anjos

Espaço: Rio de Janeiro

Conflito: livre

Para a reflexão sobre a sua relação com a leitura, o roteiro apresentava as seguintes perguntas:

- 1) Você gosta de ler?
- 2) Que tipo de leitura prefere?
- 3) Você lê livros não indicados pela escola?
- 4) Com que frequências lê jornais?
- 5) Você estuda apenas pelos apontamentos feitos em aula? Ou também pelos livros?
- 6) De 1 a 5, que nota você atribui à sua capacidade de compreensão e interpretação de leitura?

Essa proposta foi realizada no fim do ano letivo, a partir de uma atividade da apostila adotada pelo colégio e apontada nas referências bibliográficas.

É importante ressaltar que as atividades selecionadas para a presente pesquisa não foram as únicas efetuadas ao longo do ano, assim como os contos escolhidos não foram as únicas leituras realizadas. A ideia do círculo literário, ao contrário, esteve presente em todas as práticas textuais realizadas durante o período letivo de 2013.

É preciso assinalar também que as atividades de produção textual escrita sempre se iniciavam com o planejamento do texto, o velho e conhecido rascunho. Após essa etapa, os alunos eram orientados a efetuar a revisão do próprio texto e, em seguida, reescrevê-lo. Somente depois desses estágios, o texto chegava à sua forma final. Essas etapas (rascunho, revisão, reescritura, versão final) são defendidas por Bernardo (2010, p.39):

Obviamente defendo o rascunho. Não acredito na inspiração. Acredito no esforço múltiplo de uma pessoa, que faz e desconfia do que faz, refaz e desconfia do que refez, até esgotar aquele movimento numa obra, num produto, de modo a partir para outros que devem ser feitos e refeitos. Para a redação, este esforço tem seu ponto no rasgar. Não, é claro, no rasgar desiludido que abandone o ato. Sim no rasgar ansioso e ativo, que instante contínuo reescreve.

Para o autor, a autonomia da escrita se dá justamente no “rasgo”: rasgar o papel, repensar as ideias, reescrever o texto. A transição da imitação de modelos ensinados e lidos para a autoria somente se estabelecerá a partir do esforço múltiplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Livros não mudam o mundo; quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.

Mário Quintana

Esta dissertação teve como objetivo maior apresentar um projeto de leitura no qual as atividades propostas contribuíssem para a aproximação dos alunos do texto. Para tanto, elegemos o gênero conto como representante da infinita gama de textos, por percebermos características, como sua curta extensão, que facilitariam o desenvolvimento das atividades.

Nosso interesse em realizar esta pesquisa consistiu em buscar nos contos selecionados a possibilidade de levar os alunos a perceberem a expressividade da língua e, possivelmente, desenvolver o gosto e o prazer de ler, além de auxiliar o desenvolvimento da produção escrita.

Comprovamos a hipótese inicial de que o convívio regular com os textos literários pode resultar em mudanças do ponto de vista da apropriação da língua, já que, ao final do ano letivo, a maioria dos alunos envolvidos revelou mais interesse pela leitura, avanços significativos nas estratégias de argumentação oral e escrita, mais facilidade na organização de ideias e evidente enriquecimento vocabular. O contato frequente com esse domínio discursivo colaborou positivamente para as práticas de escrita, bem como proporcionou mais segurança na produção oral, pois, ao longo do ano, nos círculos literários realizados, os estudantes eram convidados a expressar suas ideias e suas opiniões, fato que contribuiu sensivelmente para elaboração de textos nas duas modalidades.

É importante ressaltar que, paralelamente às atividades apresentadas, outras leituras foram propostas, a partir da apostila adotada pela escola na qual foi realizada a pesquisa: Coleção Anglo Vestibulares Ensino Fundamental: 9º ano – Língua Portuguesa. São Paulo: Anglo, 2013. e dos livros extraclasse. Sobre esses livros, algumas observações merecem destaque.

Como a escolha do livro extraclasse sempre foi um momento angustiante em minha atividade docente – escolher e determinar o(s) livro(s) que os alunos lerão, pensando, erroneamente, na turma como um grupo homogêneo –, por não ser uma tarefa fácil, decidi que os alunos deveriam ter também o direito de escolher o que ler, trazendo para minha prática pedagógica uma passagem, entre tantas outras, altamente significativa de Daniel Pennac (1993, p.13): “o verbo ler não suporta imperativo”. Assim, propus que um dos livros do trimestre, a

escola estabelece dois por trimestre, fosse de livre escolha; cada aluno decidiria, pois, o que iria ler. Esse projeto foi um caminho encontrado para suavizar essa árdua tarefa de estabelecer, unilateralmente, a leitura dos alunos. Continuo selecionando criteriosamente alguns livros para o trabalho em sala de aula (o primeiro livro de cada trimestre), mas também dou a palavra aos jovens, dou o direito de escolher, a partir de suas vivências, o que desejam ler.

A recepção do projeto foi muito bem recebida pelos alunos. Apesar do estranhamento inicial, manifestado por perguntas como “Posso ler qualquer coisa mesmo, professora? Até *Diário de um banana?*”, a turma gostou da ideia e ficou bastante empolgada com a possibilidade de cada um escolher o livro de sua preferência.

Esse trabalho foi iniciado em 2012. Desde então, tenho presenciado resultados positivos com essa prática. É certo que ainda há alguns que não demonstram tanto interesse, mas seguimos o caminho; afinal, a formação do leitor é um processo que, necessariamente, não se concretiza em um único ano letivo. A leitura de livre escolha mostrou-se um forte apoio para o desenvolvimento do trabalho com a obra indicada por mim.

Assim sendo, a partir do que foi exposto nesta dissertação, é possível concluir que o texto literário não pode ficar fora da sala de aula, nem ser um mero figurante das aulas de língua materna. Nesse sentido, as orientações dos PCN, que trazem reformulação na proposta do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, ressaltando a importância da presença do texto – inclusive o literário – na sala de aula, conferem força ao nosso discurso de que é preciso redefinir o espaço da leitura literária na escola. A competência leitora, de modo geral, serve de instrumento para capacitar os alunos para as variadas situações de comunicação; o texto literário, especificamente, é capaz de desenvolver neles a sensibilidade estética, o senso crítico e o estabelecimento de preferências em relação aos autores.

Defendemos também, nesta pesquisa, que o professor deve incorporar em sua rotina a prática da leitura em voz alta. Ler textos para os alunos é uma atividade de suma importância e não pode ser algo esporádico em função do desenvolvimento que certamente acarreta.

A leitura de textos escritos, no nosso caso específico o narrativo, deve estar voltada para a explicitação de marcas quanto à forma e ao conteúdo do texto em função das características do gênero, do suporte, do autor, do contexto, bem como para a seleção de procedimentos de leitura em função dos diferentes objetivos e interesses do sujeito: estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefa.

A prática de produção de textos escritos, por sua vez, deve sempre levar em conta as condições de produção: finalidade, especificidade do gênero, lugares preferenciais de circulação, interlocutor eleito, e a utilização de procedimentos diferenciados necessários, para a sua

respectiva elaboração: estabelecimento de tema, levantamento de ideias e dados, planejamento, rascunho, revisão, versão final. É necessário lembrar que o aluno precisa entender o processo de escrita como um momento de interação, ou seja, escrever com um propósito planejado e definido.

Na maioria das atividades de produção escrita escolar, o leitor dos textos dos estudantes é o professor. Dessa forma, todas as produções devem ser lidas pelo docente, tendo este o cuidado de fazer anotações, observações e sugestões, isto é, realizar uma correção dialógica. A reescritura do texto corrigido é válida, considerando a correção realizada.

No caso do trabalho realizado com os alunos – foco desta dissertação -, a discussão e o debate sobre o texto lido com a turma foi uma etapa fundamental no projeto de leitura defendido nesta pesquisa. Esse momento revelou-se essencial na relação com o texto. Antes que as informações sejam sistematizadas, é essencial que se abra espaço para o compartilhamento de comentários e opiniões a respeito do que foi lido. Até mesmo o desabafo do aluno que diz “mas como esse texto é chato!” é mais significativo e estimulante para a apreciação da obra do que a frieza da rotina que transforma a leitura em mero trabalho a ser avaliado e ao qual é atribuída uma nota.

Se o estudante puder expressar o quanto foi difícil – ou sem sentido ou surpreendente ou maravilhoso – seu encontro com o texto, por mais superficial que tenha sido sua leitura, uma promissora discussão poderá ser iniciada. Dizer ao outro por que não gostamos de um livro, por que ele nos aborrece ou por que nos agrada tanto não é tarefa simples. Ao contrário, demanda uma elaboração argumentativa complexa e abre caminho para muitas questões e reflexões.

A presente pesquisa buscou desenvolver, em suma, um projeto de leitura e escrita que tivesse como objetivo primeiro desenvolver e a capacidade comunicativa do aluno de modo a capacitá-lo a exprimir-se com clareza, organizar ideias, estabelecer relações, interpretar dados e fatos e elaborar hipóteses, desenvolvendo sua capacidade crítica e reflexiva, tendo o conto como ponto de partida.

Buscamos, afinal, formar leitores ou, ao menos, comprovar que a leitura literária, além de poder vir a ser considerada pelos alunos uma atividade de lazer, possibilita o contato com novas realidades, reflete nova visão de mundo e permite o convívio com a língua em sua mais rica manifestação.

Nossa dissertação não ambicionou apontar soluções únicas para a mediação na escola nem esgotar possibilidades de práticas na sala de aula a serem desenvolvidas. A leitura é um tema inesgotável; dessa forma, pesquisas nesse campo são necessárias, pela possibilidade de

ampliar a visão do professor em relação à utilização do texto literário como atividade natural. Esperamos também ter podido contribuir para que outros docentes percebam a importância da literatura e a levem para o ambiente escolar da forma mais prazerosa possível, conscientizando o jovem de que leitura deve estar presente não apenas na escola, mas na vida.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. **Lutar com palavras: coesão e coerência.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, M. M. **A estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, R. **O prazer do texto.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. **Aula.** 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2011.
- BERNARDO, G. **Redação inquieta.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- CABRAL, I. C. M.; MINCHILLO, C. C. A. **A narração: teoria e prática.** 4. ed. São Paulo: Atual, 1989.
- CADEMARTORI, L. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CARNEIRO, D. A. **Texto em construção: interpretação de texto.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- CARRENHO, C.; MAGNO, R. D. (Org.). **O livro entre aspas: “o que se diz do que se lê”:** frases para escritores, leitores, editores, livreiros e demais insensatos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2008.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** 1. ed., 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.
- FAGUET, E. **A arte de ler.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- FREITAS, F. F. de. **O clube de leitores da Escola Sesc de Ensino Médio: uma proposta metodológica de incentivo à leitura.** 2013. 147f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- FURLAN, F.A, ABAURRE; B. M. M; ABAURRE, M. L. M. **Vestibular Unicamp redação.** São Paulo: Editora Globo, 1993.

GARCIA, M. O. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Ler e escrever**, estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA BARRETO. **Clara dos Anjos e outros contos**. Ivan Marques organizador. São Paulo: Scipione, 2011.

MAGALHÃES, J. R. **A arte do conto**. Rio de Janeiro: Edições Bochs, 1972.

MARCUSCHI, L. A. **produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MED, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 05 nov.2013.

OLIVEIRA, H. F. Língua padrão, língua culta, língua literária e contrato de comunicação. **Cadernos do CNFL**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p. 84-94, ago. 2003.

_____. Gêneros textuais e conceitos afins: teoria. In: VALENTE, A. (Org.). **Língua portuguesa e identidade**: marcas culturais. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

PENNAC, D. **Como um romance**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

RENSI, L. T. S.; CARDOSO, M. S.; LEITE, R. S. **Coleção Anglo Vestibulares Ensino Fundamental**: 9º ano – Língua Portuguesa. São Paulo: Anglo, 2013.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Lições de texto**: leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. 5 ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2011.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor, uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1: DESFECHO PARA O CONTO A CARTOMANTE

Aluno A:

Ao chegar na casa de Vilela, suado, descabelado, pálido, um pouco aliviado das palavras da cartomante, Camilo encontra Vilela batendo no chão com uma bengala, com um ritmo de merroseiro, pediu para Camilo se sentar; quando tirou uma arma da cintura dizendo:

— Sabe Camilo, nós sempre fomos muito amigos, lembro que você fazia os merroses e aproximavam por você de uma forma rápida, eu sempre fui seu amigo bobo, que ninguém se aproximava. Bom, apesar de eu sempre ser um mado comparado a você, eu nunca fui um traira...

— Eu não estou entendendo, vamos conversar, tira essa arma meu amigo! Pelo o amor que você tem à Deus!

— Eu não sou seu amigo e nem amo a Deus. Não temos absolutamente nada para conversar, você me traiu seu ingrato!

Vilela leva Camilo até o escriptorio, já merrose com toda a situação, Rita estava lá amarrada em uma cadeira, Camilo entrou em desespero:

— Você está louco? Solta-a!

Nas respostas macho, apenas pegou Rita e a levou para o meio da rua junto de Camilo:

— Eles são amantes, senhoras e senhores esta mulher aqui é uma pecadora, me traiu. — Apagando-a no meio da rua.

Rita estirada no chão, amarrada e Camilo sem roupas, Vilela sussurra ao ouvido do traidor:

— Eu quero que você se mate, vá para dentro, onde! Vou levá-la e quero ver você morto, estirado e mole atrás de você!

Do chegar com Rita, Camilo estava estirado no chão banhado em sangue, Rita ficou louca, mas sabia o que precisava fazer Vilela falou:

— Viu o que você fez, meu amor? — Apontando a arma para a própria cabeça, apertando o gatilho.

(...)

Agora, mais tranquilo, Camilo passou todo o caminho até a casa de Vilela, sem aquela voz em seu ouvido que repetia excessivamente o que dizia o bilhete escrito por Vilela. Chegou a casa. Bateu na porta. De primeira ninguém lhe atendeu, portanto, retornou a bater, e novamente nada. Resolveu então entrar, pois por acaso a porta se encontrava destrancada. Um silêncio desgastado reinava naquele ambiente, e uma porta ao final do hall principal chamava-lhe muito atenção. Seguiu por ele (o hall) até a misteriosa porta, colocou a mão na maçaneta, abriu a porta. Na sua frente encontrou uma cadeira e nela Vilela sentado.

— Entre meu amigo, se agrade! — ordenou Vilela.

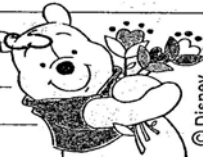
— O que queres comigo? Para que tanta urgência no bilhete? — questionou Camilo.

Nesse momento, todo aquele medo que havia se desperdiçado após a visita à contornante, voltou a tomá-lo em Camilo.

— Porque demorastes para chegar querido amigo.

— Uma tilbun estava a atrapalhar o caminho. Live que esperar até que fosse retirada, mas diga-me porque querias me ver?

— Primeiramente, gostaria que fizesses um grande favor para seu amigo. Abre aquela porta e pegue uma mala preta!



Camilo levantou, se direcionou a porta, pegou a mala e a entregou a Vilela.

— Nesta mala temo um presente para você Camilo, tome, abra!

Camilo abriu a mala. Tremia ininterruptamente.

— Já está o que você mais cobrava. O coração de minha amada Rita agora é todo seu!

— O que fizestes Vilela?! Como podes mata-la?

— Ora o que fizeste eu?! Pergunto eu, o que fizestes você? Traiu seu melhor amigo com a mulher dele, agora os dois traidores tem que pagar!

— E é assim que você quer me castigar?

— Exatamente assim, porém para eu não sair como vilão da história, farei um favor a você, Camilo!

— Que favor?

— Esse!

E em uma fração de segundo, Vilela acertou um tiro certeiro no peito de Camilo, que caiu morto ao chão.

Segundos depois toma a companhia.

— Vem buscar meu pagamento! — disse a contornante.

— Aqui está, e não me procure mais!

Aluno C:

Camilo saiu da casa da Cartomante e foi para casa de Vilela em sua Tibburi, chegando lá saiu da sua Tibburi e tocou a campainha, ansioso com a demora de alguém atendê-lo, pegou seu paninho que estava no bolso de sua calça e enchugou o rosto, minutos depois Vilela abriu a porta convidando para entrar, e pediu-lhe que se sentasse.

Os longos da conversa, Vilela furioso lhe disse que tinha descoberto tudo entre Camilo e Rita, e falou para Camilo que ficou desapontado por ter feito isso com ele. Camilo surpreso, e nervoso pediu desculpas, e falou que o que aconteceu entre eles foi uma coisa fora do normal, que o Romanço deles dois aconteceu tudo muito rápido, com isso Vilela chamou Rita que estava chorando e fala a Rita que vai matar Camilo por ter feito isso com ele.

Vilela sabe as exatas furioso e demora bastante para descer, ao descer ele volta com uma arma na mão, falando que vai matar o Camilo, Camilo desesperado corre de porta a fora sabe em sua Tibburi e vai para casa da Cartomante com raiva e chega para lá falando que ela é uma farsa, a Cartomante desesperada e sem saber direito o que fazer manda ele se retirar de sua casa, com isso ao sair da casa da Cartomante, Vilela estava na porta com sua arma, minutos depois ele mata Camilo na frente da Rita que estava tentando impedir Vilela que matar Camilo, com isso Rita chora, e vai correndo para sua casa, arrua suas malas e ir embora para o interior.

Aluno D:

o cartomante

na casa de Vilela, Camilo ofendido com as palavras do cartomante pensa e reflete. Vilela contou para Camilo que ele era seu melhor amigo, seu irmão fiel, seu parceiro onde não havia segredos entre si.

Ofendidamente Camilo se desespera pensando que Vilela ^{quisesse} ~~soubesse~~ sobre seu caso com Rita, pensou e pensou e decidiu contar a verdade para Vilela, pois, seu amigo de tinha em primeiro lugar.

Camilo olhando ^{seriamente} ~~para Vilela~~ para Vilela começou a desolapar, dizendo que não merecia ser seu amigo por que fez coisas ~~assim~~ assim, como ter um caso com Rita. Chocado com ~~o~~ a confissão de Camilo disse: - Traição não tem perdão.

Em seguida ~~expulso~~ ^{expulso} Camilo de sua casa e foi para o quarto encostar com sua esposa infiel. Vilela sem saber discutiu com Rita, sobre a traição, disse a ela que se aproveitou da morte da mãe de Camilo, enganando a pobre ingenua dele. Expulso a de casa e se dirigiu aos aposentos de Camilo para fazer uma conversa melhor.

Retornando na casa de Camilo, toca a campainha ouvindo a porta Camilo encontra Vilela e manda ele entrar, em ~~seguida~~ ^{seguida}, depois de botar as mãos e as de Camilo, Vilela se conversa ~~que~~ que não sabe apenas estar sua amizade em risco por causa de uma mulher.

Aluno E:

A cartomante.

Camilo dentro do tillwui, com a felicidade estampada em seu rosto, estava com os pensamentos a mil quilômetros por hora, pensava em Rita e no assunto tão importante que Vilela queria tratar com ele, mas ainda sentindo medo da possibilidade da cartomante estar falando besteira.

Ao sair do tillwui e se encontrar na frente da porta de seu grande amigo, que naquele momento tinha um ar sombrio, Camilo não estutou nenhum barulho vindo da casa, então colocou seu revólver escondido na cintura.

Assim que abriu a porta uma onda de terror e medo o atingiu, viu portas de sangue no chão, assistiu na sala em que Vilela sempre estava feliz, fazendo piadas, tocando piano, mas desta vez Vilela estava deitado encima das teclas de seu lindo violão, que um dia foram brancas e hoje eram enegrecidas.

Rita apareceu com uma fada na mão, Camilo possuído pelo odio disparou três tiros em sua amada, que caiu morta, os primeiros tiros.

Camilo começou a chorar e a se chingar pela seu horrível feito, decidiu se matar, e enfiando o revólver em sua boca, então ele disparou.

Aluno F:

(...)

Após sair do caso de carbonante, Camilo se dirigiu à casa de Vilela. Ao chegar, Vilela estava sentado em uma cadeira, chorando muito. Camilo se aproximou, para tentar saber o que havia ~~acontecido~~ acontecido. Mas ao colocar a mão sobre o ombro de Vilela, ele se levantou e empurrou Camilo com tanta força que fez com que ele caísse no chão. Vilela pegou seu revólver, que tinha em uma gaveta e apontou para Camilo, dizendo:

- Desgrazado! Achei que éramos amigos!

- Nós somos, do que você está falando?

- Somos? O que você tem a dizer daquela carbonante?

Eu a conheci, pois estava desconfiando de algo.

- Vilela, meu amigo, sinto muito por isso. Não pode voltar. Rita é tão linda. Mas se acalme e vamos conversar.

Enquanto falava isso, Camilo tentou pegar o revólver que carregava consigo. Mas não deu tempo, Vilela puxou o gatilho, acertando em cheio a testa de Camilo. Nesse momento, Rita entrou pela porta, viu tudo. Ficou despeitada, aos prantos.

Vilela se desculpa, soltando o revólver. Rita correu e pegou o arma de Camilo que estava no chão e apontou para Vilela, não pensou duas vezes e fez o disparo. Sem saber mais o que fazer, pois ela acabou de perder o sentido, se suicidou, atirando em sua própria cabeça.

Aluno G:

A Cartomante

Camilo alistou a casa de Vêlola cuja a porta estava aberta como se estivessem à sua espera, ele estremeceu. Saiu do tábua e percorreu a longa entrada com imensa dificuldade, ~~pois estava~~ afetado pelo medo.

Reta subjugada e lacrimosa, Vêlola indignado segurando uma arma em sua mão esquerda. Camilo tinha medo, repugnava-lhe a ideia de recuar.

— Tão ingênuo. — Vêlola murmurou com um tom de mistério e ameaça para Camilo.

Camilo falou que o motivo era uma paixão frívola de rapaz porém Vêlola o interrompeu:

— Confesso que vocês me surpreenderam, no começo ^{nao} cogitei essa situação e depois me pareceu cada vez mais verossímil. Reta peso que pare de se lamentar, nunca crei desculpá-la porém nunca vou parar de te amar e por isso que tomei essa decisão.

Vêlola aponta a própria arma para sua testa e puxa o gatilho. Reta e Camilo correm em direção de Vêlola com lágrimas no rosto e com desprezo no coração e Vêlola lá fica enroscado do próprio sangue cujo cheirava a alvelosia.

Aluno H:

(...)

Camilo, após a visão da cartomante, se sentiu mais seguro. A imagem em sua mente de que algo de ruim poderia acontecer, deixou de atormentá-lo. Seguiu tranquilamente para a casa de Vilela, esperando o melhor. Começou a rir de si mesmo e de toda a história que o envolveu. O que poderia acontecer? Vilela era seu grande amigo!

Quando chegou ao seu destino, Vilela estava na porta à sua espera com um ar sombrio e com um rosto triste. Ele o convidou para entrar e fala:

— Nesse momento Camilo se Rita aos prantos e lhe dá um abraço.

Com um só tiro os dois são estirados no chão morto. Vilela acabou de tudo através da cartomante.

Aluno I:

Ferme

(...)

— Pare aqui, por favor. — disse Camilo ao cocheiro.

Camilo bateu calmamente na porta da casa, onde residem Rita e Vilela. Porém sua tensão aumentou, quando o subordinado de Vilela abriu a porta e pediu-lhe que fosse até a sala de jantar, pois já estavam à sua espera.

O rapaz abriu a sala e se deparou com uma cena inesperada. Rita está amarrada em uma cadeira, chorando, Vilela apreciando um bom vinho junto, e a cartomante sentada no sofá com um copo de passas.

— Olá meu bom amigo, disse Vilela em um tom sarcástico, se levantando de sua poltrona.

— O quê que significa tudo isso? me explique agora, o quê estás a acontecer nesse local? Porque sua mulher está toda amarrada, isso é tortura. — disse Camilo assustado.

— Onde estás sua educação. meu grande amigo. Minha mulher? Pelo que eu me lembro, Rita, essa bruxa, me traiu com o senhor, que se dizia seu amigo meu. Traidor! — disse Vilela tirando uma arma do bolso. Agora tu vais ter que assistir essa bela cena. A morte de sua amada amante.

cartomante, teve a ponta da boca
 de Rita que se abriu seus supercílios,
 diante de sua morte. Onde, vai! Vai!
 - Pelo amor de Deus, não homem,
 não faça isso mate a mim, ao
 invés dela. - disse Camilo supercomido.
 - Boa ideia meu caro mas
 calma quero que você assista a morte
 de sua amada antes. - disse Uelma
 seguido de 3 diácos que cercaram o
 coração de Rita, antes que Camilo pudesse
 se fazer algo.
 - Não, eu não consigo acreditar
 que o senhor vai capaz disso, seu mege-
 ro, suspeito aos Deuses, que o senhor
 queime no inferno. - disse o Camilo cor-
 ndo para fora.
 Na manhã seguinte Camilo pegou
 suas coisas, e se mudou para o interior
 para que nunca mais se recordasse
 daquele fato.

Anexo 2: COMENTÁRIO PESSOAL SOBRE O CONTO A CARTOMANTE

Aluno A:

2- 'b) De acordo com consideração o conto "A carto-
 mante", em minha opinião, eu gostei bastante,
 tanto pelo o fato da história conseguir me pren-
 der fazendo com que eu não queira parar de ler
 pela curiosidade de saber o que vai acontecer pos-
 teriormente, e também por no final descobrir
 que Machado de Assis, um dos grandes nomes da
 literatura brasileira, concordou em algo comigo.
 O fato de cartomante não poder advinhar o futu-
 ro.

Aluno B:

Na minha opinião o texto possui minha atenção,
 o final do livro não me surpreendeu, já era de se esperar
 que alguém iria morrer.

Eu adquiri uma boa experiência de leitura, por isso
 mostrou fluir mais algumas partes com tempos mais rápidos
 e lentos.

Aluno C:

2) b) O conto "A cartomante" de Machado de Assis, além de uma leitura que prende a atenção do leitor é uma leitura disvertida e interessante por se passar em uma época bem diferente da nossa em que vários conceitos que hoje desapareceram ou mudaram, o final inesperado e empolgante faz as pessoas ficarem perplexas com o desfecho.

Adorei o conto e pretendo ler outros de Machado de Assis.

Aluno D:

b) O conto sobre o triângulo amoroso entre Camilo, Uelma e Rita, é um conto interessante, com o final inesperado, o fato da cartomante ser um personagem que faz acreditar nela e em sua magia o tempo todo, te deixar com a vontade de chegar ao final depressa, ler Machado de Assis foi uma experiência gostosa e cativante para relatar ainda mais.

Aluno E:

O texto "a cartomante" elata a história de um triângulo amoroso entre dois grandes amigos e uma amável mulher. O conto faz com que o leitor se prenda na história e viva as mesmas emoções dos personagens. É ótimo ler um texto deste grande escritor, que é Machado de Assis. Na minha opinião é sempre bom ler contos de grandes escritores.

Aluno F:

2 - a) Na minha opinião, o conto "a cartomante" utiliza um modo muito inteligente de retratar as trações, neste caso, o triângulo amoroso entre Camilo, Rita e Uelma. É a imaginação que me foi apresentada nesse conto, é brilhante, rebuscada e ajuda a nós, leitores a entender as emoções do personagem, através de recursos linguísticos. A minha experiência com essa leitura foi muito boa, gosto muito de ler textos, viver poemas etc, de autoria brasileira, ainda mais neste caso de um grande escritor, como Machado de Assis. Gostaria muito de me familiarizar com outras obras desse grande homem.